

KATI CAETANO & SANDRA FISCHER

# A RUA E SUAS MARCAÇÕES NOS RITMOS DA CONTEMPORANEIDADE: REARRANJOS E CONSTRUÇÕES ESPAÇO- TEMPORAIS

---

*LA CALLE Y SUS MARCACIONES EN LOS  
RITMOS DE LA CONTEMPORANEIDAD:  
REORDENAMIENTOS Y CONSTRUCCIONES  
ESPACIO-TEMPORALES*

---

*THE STREET AND ITS MARKINGS IN THE  
RHYTHMS OF CONTEMPORARY:  
REARRANGEMENTS AND SPATIOTEMPORAL  
CONSTRUCTIONS*

*Recebido em: 29 set. 2014*

*Aceito em: 6 jul. 2015*

**Kati Caetano:** Universidade Tuiuti do Paraná (Curitiba-PR, Brasil). Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná/PPGCom-UTP. Doutora em Letras com Pós-Doutorado em Semiótica e em Comunicação.

**Contato:** [katicaetano@hotmail.com](mailto:katicaetano@hotmail.com)

**Sandra Fischer:** Universidade Tuiuti do Paraná (Curitiba-PR, Brasil). Coordenadora e Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná/PPGCom-UTP. Dra. em Ciências da Comunicação com Pós-Doutorado em Cinema.

**Contato:** [sandrafischer@uol.com.br](mailto:sandrafischer@uol.com.br)

ISSN (2236-8000)

cultura e mídia

## RESUMO

O texto ocupa-se da rua e de suas marcações nos ritmos da contemporaneidade, considerando a dimensão dos rearranjos e das construções espaço-temporais verificáveis nos ambientes urbanos. Esse traçado geométrico de interações é reconfigurado pela inserção em seu terreno de tecnologias de monitoramento, visibilidade e oferta de experiências informativas/sensoriais, incrementando a ambivalência de sua funcionalidade/experimentação. Do ponto de vista performativo, a rua pode agenciar estados de controle/descontrole, liberdade/opressão, mudanças, recuos. Percursos planejados entram em crise em favor de programações capazes de gerar percursos à deriva constituídos e decididos no calor do acontecimento. Essa lógica reitera, no âmbito da mobilidade urbana, esquemas constitutivos da cultura digital que hoje se imprimem em diversas condutas e se manifestam nos modos cotidianos de ocupar a rua graças a próteses tecnológicas que lhe conferem certa autonomia na relação com transeuntes e habitantes. No âmbito de captura de imagens, a rua se expõe igualmente como palco de cenas inesperadas, surgidas em ato, em dispositivos de geolocalização que alteram o próprio conceito do *operator* fotográfico e exercem controle.

**PALAVRAS-CHAVES:** Configurações espaço-temporais; Rua, cotidiano e contemporaneidade; Cultura digital; Sentidos em ato.

## RESUMEN

El texto trata de la calle y sus marcaciones en los ritmos de la época contemporánea, teniendo en cuenta la dimensión de los reordenamientos y las construcciones espacio-temporales verificables en los ambientes urbanos. Este diseño geométrico de las interacciones se reconfigura mediante la inserción de tecnologías de monitoreo, visibilidad y oferta de experiencias informativas/sensoriales, aumentando la ambivalencia de su funcionalidad / experimentación. Desde una perspectiva performativa, la calle puede agenciar estados de control/descontrol, libertad / opresión, cambios, retrocesos. Rutas planificadas entran en crisis en favor de programas que generan percursos improvisados constituídos y decididos en el calor del acontecimiento. Esta lógica repite, en el cuadro de la movilidad urbana, esquemas constitutivos de la cultura digital que se imprimen en diferentes comportamientos de hoy y se manifiestan en formas cotidianas de la ocupación de la calle gracias a las prótesis tecnológicas que le conceden cierta autonomía en la relación con transeúntes y residentes. En el ámbito de la captura de imágenes, la calle también se expone como palco de escenas inesperadas surgidas en acto, por la acción de dispositivos de geolocalización que alteran el concepto mismo del *operator* fotográfico y ejercen control.

**PALABRAS-CHAVES:** Configuraciones espacio-temporales; Calle, cotidiano y contemporáneo; Cultura digital; Sentidos en acto.

## ABSTRACT

The text deals with the street and its markings on contemporary times rhythms, considering the rearrangements and the construction dimensions verifiable in urban environments spacetime. This geometric design of interactions is reconfigured by inserting in its ground monitoring, visibility and supply of informative/sensorial experience technologies, increasing the ambivalence of its functionality/experimentation. From a performative perspective, the street can array both control/decontrol and liberty/oppression states, as well as changes and setbacks. Planned routes go into crisis in favor of programs that generate pathways made and decided at the very moment the events take place. This logic reaffirms, considering urban mobility context, digital culture constituent schemes that are printed in different behaviors today and manifest in everyday ways of occupying the street thanks to technological aids that give certain autonomy in relation to passersby and residents. Considering image captions, the street is also exposed as a stage for unexpected scenes that emerge “in action”, in geolocation devices that alter the very concept of the photographic *operator* and exert control.

**KEYWORDS:** Space-time configurations; Street, everyday routine and contemporaneity; Digital culture; Meanings “in action”.

## INTRODUÇÃO

Toda relação com o espaço é determinada por um quadro enunciativo, a partir do qual um sujeito preenche, com seu corpo e seu olhar, o ponto de irradiação, estático ou cinético, de seus vínculos com o ambiente circundante. Por isso, a categoria espacial encontra-se na base de toda intersubjetividade, em cuja relação funciona, juntamente com o tempo, como grandezas do discurso e dos processos constitutivos da subjetividade na e pela linguagem, como postulava Émile Benveniste no início do século XX (1976 v. 1, edição brasileira; v. 2, edição francesa).

Portanto, examinar as demarcações espaciais e consequentes ritmos temporais de um produto ou uma prática cultural implica compreender a experiência de espacialidade presente nas formas simbólicas, e expressa como modos de estar no mundo, definindo-se enquanto sujeito no contexto das relações sociodiscursivas.

Nesse sentido, o espaço se reinventa a cada ato de discurso, ou a cada experiência, entendida como a integração do organismo com o ambiente, segundo a define Louis Quéré (2010: 19-38) na perspectiva do pragmatismo deweyano.

Com base em tais premissas, abordamos a “rua” como ponto de partida de nossas reflexões, concebendo-a em uma rede mais ampla de relações semânticas, que a inscrevem na articulação com a casa, com a calçada, com o privado, com o interno, com o silencioso, em cuja categoria se revela como o exterior, o alargado, o público, o ruidoso, para, em seguida, examiná-la na sintaxe dos elos que estabelece com esses componentes da cultura.

Nesse contexto de temas conjugados, o espaço se afigura em sua essência, como um parâmetro de emanção das direções dadas pelo olhar e pelo corpo, seja em circunstâncias de fixidez ou de deslocamento. São inúmeros os exemplos, na pintura, na fotografia, no cinema, na música, na literatura, da tradicional clivagem entre a casa e a rua mediada pela janela ou pelo umbral da porta. Interessa-nos neste trabalho a desestabilização dessa oposição, em produtos ou processos que justamente exponham a tensão subjacente a tais divisões domesticadas do espaço, e sejam, portanto, reveladores da ambivalência de suas definições dicionárias, até os fenômenos mais recentes, em que as tecnologias digitais interferem nos acontecimentos cotidianos como mediadoras ou constitutivas das práticas comunicacionais.

Convém ressaltar, de partida, que esse artigo é de teor teórico-analítico e articula elementos extraídos de um conjunto de dados não-sistematicamente reunidos de práticas e processos culturais, compilados pela nossa movimentação no campo de produções fotográficas variadas, pela informação jornalística e acadêmica de fatos da contemporaneidade, como a presença dos sistemas de monitoramento e vigilância nos ambientes públicos e o desencadeamento de movimentos sociais mais recentes. Não se trata, portanto, de uma pesquisa etnográfica, nem de pesquisa quantitativa, e sim de um trabalho reflexivo que conjuga pesquisas das duas autoras sobre os processos de dilatação espaço-temporal nas práticas informativas e urbanas, tomando como mote uma antiga experiência de reespecialização, interação e constituição de sentidos—a dos usos da rua. As considerações

a que chega atêm-se, por conseguinte, ao micro-universo dos exemplos empíricos citados, e norteiam-se por um recorte de chaves de leitura que são, como em todo trabalho, sempre arbitrárias e insuficientes, na medida em que novos olhares poderão ser dirigidos à temática escolhida.

Antes que um trabalho pragmático, amparado em coleta empírica de dados, o ponto de partida é a reflexão sobre a rua como evento cultural, com significados que podem ser fomentados por expressões da língua portuguesa, portanto, com base em um universo semântico de referências compartilhado por certa cultura. Basta evocar algumas frases empregadas em situações da vida cotidiana, como a advertência em “saia já da rua”, “atravesse agora a rua” ou “agora, pode atravessar a rua com segurança”, “cuidado com os carros, venha para a calçada”, “não seja bisbilhoteira, saia da janela”, ou “olhar para a rua pelas frestas da janela”, “cada um é dono do que acontece em sua própria casa”, “quando entrar em casa deixe os problemas da rua para fora”, entre outras, para perceber que as oposições fora/dentro, público/privado, abrigo/desabrigo, perigo/segurança, agitação/descanso, visibilidade/invisibilidade, estão presentes no campo semântico desencadeado pela menção à rua. Podemos afirmar que esse pressuposto inerentemente presente em nosso domínio linguístico-semiótico traça de partida um percurso a ser trilhado na escolha dos exemplos que serão evocados ao longo do texto.

Tratar da rua implicou, para nós, tratar tanto de abordagens de outrem (imagens, e práticas relatadas), quanto de experiências que sofremos e criamos ao mesmo tempo com nossas travessias por cidades existentes na realidade e pelo imaginário do viver urbano.

Para a abordagem prática, lançamos mão de casos empíricos de apreensão da experiência estética com a noção convencional de “rua”, que se alinham em 3 vertentes de manifestação. Essas não devem ser encaradas em sua processualidade histórica, embora tenham dominâncias em diferentes momentos da formação da sociedade ocidental, mas em certo grau de concomitância como procedimentos da contemporaneidade. Nesse sentido, vale o raciocínio de Giorgio Agamben sobre o conceito de contemporâneo, “como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse facho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora”. (2009: 72).

Chamamos as formas de desestabilização das categorias como neutralizações, conceituando-as pelo apagamento de certos traços de especificidade que as distinguem, do que deriva o surgimento de um sincretismo espacial com efeitos de sentido sobre a temporalidade da experiência vivida.

#### CASA E RUA, NEUTRALIZAÇÕES E ESPAÇO PARTILHADO

O primeiro processo na neutralização das marcações espaço-temporais consiste na maneira como o sujeito visa a diluir a tensão entre casa e rua por meio de mecanismos que alteram a configuração de dentro/fora, com implicações sobre as sensações de estar ao abrigo ou ao relento, sentir-se aquecido ou exposto aofrio, ter seu espaço próprio ou prescindir de um teto. Designamos espaço partilhado resgatando desse adjetivo

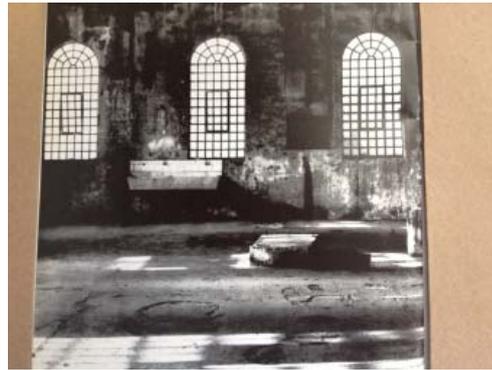
a ambiguidade que contém entre dividir e comungar. Ao mesmo tempo em que mantém as noções tradicionais de rua e seus vínculos com outros conceitos do mesmo campo semântico, cria também a possibilidade de certo apagamento dos contornos, expondo cantos da casa ou da rua como *espaços-entre*. Ele se expressa por meio de saídas criativas, como essa capturada pela lente de Leonardo Colosso (AMARAL & FERNANDES JR, 1998), na Avenida do Estado, em São Paulo, em 1998, em imagem dos móveis de uma casa desenhados na parede da rua e na calçada habitada por um morador de rua, perfazendo o espaço imaginário da residência. Outro exemplo advém do projeto de Lina Faria, em Curitiba, intitulado *No Olho da Rua e na Rua do Olho* (<http://www.olhodarua55.com/index.php>), realizado no ano de 2007, quando a fotógrafa acompanha a vida noturna do centro da cidade no rastro dos moradores de rua. Nessa circunstância, a situação de aparente nomadismo dos protagonistas se transforma, à noite, em virtude do domicílio fixo configurado por certo ponto de uma calçada, em frente a um determinado edifício, definido pelos personagens como endereço residencial. Em ambos os casos, sente-se o efeito do deslocamento do dentro, ou daquilo que ele representa, para fora, na superfície da circulação, desfazendo contornos nítidos no mapa social da cidade.

O procedimento contrário também ocorre na expressão da presença da rua no interior da casa. As fotografias em *pinhole*, de Abelardo Morel (2004), captando cenas do exterior na intimidade de quartos de hotel de várias partes do mundo são reveladoras de uma neutralização das oposições e do conseqüente sentimento sincrético de estar aqui e lá ao mesmo tempo. Analisa-se em particular aqui a foto *Times Square in Hotel Room* (NEW YORK, NY, 1997: 45). As referidas fotos expõem, além disso, a metáfora da caixa preta que, ao perscrutar, capturar, revela, trazendo o efeito de presença da rua no interior da casa. Podemos complexificar tais articulações, se recuperarmos a idéia de que a categoria dentro-fora pode ser subsumida por outra, a da tensão do próximo e do distante, com os respectivos efeitos de sentido de presentificação e absenteização<sup>1</sup>, e que esses últimos, por sua vez, são suscetíveis de serem negados por relações lógico-semântico-sintáticas de contraditoriedade (FIORIN, 2002: 289-290). Assim, a presentificação pode ser negada pela não-presentificação e a absenteização pela não-absenteização. Decorrem daí concretudes sobre o modo de tornar sensível a ambivalência na junção com os espaços, tendo a rua como mote, que realçam as sensações de desestabilização do dentro/fora ou no espaço-entre.



Presentificação. (Figura 1: 2004, Abelardo Morel).

<sup>1</sup> Os termos presentificação e absenteização, assim como seus correlatos lógico-semânticos, não-presentificação e não-absenteização, foram tomados de empréstimo do trabalho que José Luiz Fiorin empreendeu sobre o espaço-tempo nos discursos verbais (*As astúcias da enunciação*, 2002), os quais foram articulados aqui às figuras fotográficas.



*Absenteização. (Figura 2: 1994, antigo Matadouro da Vila Mariana/ cidade sem janelas)*



*Não-absenteização. (Figura 3: 1998, Leonardo Colosso)*



*Não-presentificação. (Figura 4: 2012, foto de Eduardo Baggio)*

Os exemplos já indicados – a foto de Abelardo Morel (Figura 1) e a imagem da calçada em São Paulo, por Leonardo Colosso (Figura 3: AMARAL & FERNANDES JR, 1998:288) – podem ser retomados, considerando a primeira como um exemplo de presentificação da rua dentro da casa, e a segunda como ilustração de não-absenteização, no sentido de que se coloca algo na cena enunciativa sem efetivamente aproximar o sujeito daquilo que deseja. A não-presentificação é passível de ser compreendida na foto de Eduardo Baggio, fotógrafo e cineasta curitibano, em exposição intitulada *Visages* (Figura 4: 2009, folder da exposição), da qual retiramos a imagem da mulher na sacada, diante da janela e de frente para a rua. Aqui, o dentro está de certo modo afastado do sujeito – tendo em vista, sobretudo, que se

mobiliza nessa ocorrência o traço de direcionalidade do espaço (estar na sacada com o corpo voltado para a rua pressupõe estar mais para fora do que para dentro da casa), mas não o retira da situação enunciativa de estar dentro. A mulher não se volta para fora, continua no interior –mesmo que dentro de si mesma, estado de espírito em que possivelmente se acha ali na casa. Um caso óbvio de absenteização parece estar na foto dos galpões que abrigaram, no antigo Matadouro da Vila Mariana, a exposição realizada na cidade de São Paulo, em 1994, intitulada ARTE/CIDADE - *Cidade sem janelas* (Figura 2: s/n), e reproduzidas no folheto publicado pela Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. De um modo geral nesse evento, as imagens e instalações traziam a experiência da janela como ponto de passagem, mas tratava-se de janelas que estavam bloqueadas ou davam para o vazio. Sua presença figurativa, no entanto, assegurava o rastro da ideia de abertura ali contida, tornando o dentro mais sufocante.

Obviamente, tais fenômenos não nos são estranhos, quando vinculamos as ambientações aos estados passionais: mesmo do interior da casa, um sujeito vive o tensionamento da continuidade espaço-temporal em manobras imaginárias. Aqui, no entanto, recorreremos a formas materializadas de uma fenomenologia da presença, e que se concretizam em discursivizações de graus distintos: da relação viva, presencial, com o espaço da cidade, e da representação fotográfica dessa vivência a partir de um sujeito observador e convertido em enunciados. Trata-se, portanto, de interações de regimes de junção de sujeitos com objetos-valores, e, por seu intermédio, do desvelamento de modos de presença e de fazer sentido. Embora neutralizado, o espaço aqui ainda se traduz a partir de um corpo próprio, que investe a rua, ou o quarto, de novos sentidos tendo como ancoragem o lugar de inscrição do enunciador no ponto fixo da casa.

#### NEUTRALIZAÇÃO E ESPAÇO CIRCULAR - O SUJEITO EM FLUXO NO FLUXO

O inexorável crescimento das cidades, o contingente da população de sem-tetos aumentando<sup>2</sup>, e o grande número de pessoas com residência fixa que permanecem fora de casa, normalmente em fluxo, impõem não só mudanças no imaginário da casa, como favorecem outras formas de experiências da espacialidade. Quando está em casa, o sujeito é solicitado a querer ou mesmo a dever sair, os espaços do comércio ou do entretenimento programado aparecendo como válvulas de escape “necessárias” à vida cotidiana. Por outro lado, o ritmo do trabalho e/ou o aprisionamento no trânsito, fazem o sujeito ansiar por chegar em casa, imaginada como um porto seguro em meio ao caos da vida de todo dia.

Assim, rua e casa se revezam, compondo um circuito dinâmico de relações em que agitação ou calma, ruído e silêncio, sentir-se bem ou não, se intercalam nas mais diversas circunstâncias. Ao mesmo tempo, as empresas arquitetônicas, o design, a telecomunicação e a internet se conjugam para oferecer espaços públicos destinados a agrandar, agitar ou serenizar, e a casa, com o sujeito multicompetente exigido pela sociedade contemporânea, e constantemente em interação, pode se converter no lugar do sincretismo de todos os afazeres, domésticos e profissionais, em suma, o lugar do estresse. Nesse contexto, os meios de comunicação estabelecem uma isotopia do

<sup>2</sup> Fundamentos para essa afirmação podem ser encontrados em matérias de jornais pelo mundo todo, mas nos limitamos aqui a sugerir dois textos, um trabalho acadêmico constante do Portal de Teses, e uma reportagem da BBC baseada em resultados de um estudo da Fundação Abbé Pierre, na França. O primeiro compara a situação dos sem-tetos nas grandes e médias cidades, relacionando perspectivas de vários autores sobre o conceito, a porcentagem e as causas desse fenômeno presente em diversos países, e, por isso mesmo, merecedor, na perspectiva do articulista, de investigações mais frequentes: <http://goo.gl/bPQPsJ>. O segundo, reportando-se a pesquisas da fundação francesa “que luta pela moradia de pessoas carentes”, divulgado pelo site da BBC em 31 de janeiro de 2014, discute o crescimento da população sem-teto em 50% nos últimos 12 anos na França: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/01/140131\\_sem-teto\\_franca\\_pai\\_df](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/01/140131_sem-teto_franca_pai_df). Dados sobre esse tema, sobre os problemas decorrentes do crescimento descontrolado das cidades, sobretudo derivados dos processos migratórios e da especulação imobiliária, e sobre o crescimento da miséria no mundo, podem ser encontrados também no site da ONU: [www.onu.org.br](http://www.onu.org.br).

mundo da informação, de modo que o sujeito, estando aqui ou lá, está em geral algures, no lugar de que se fala nos noticiários, ou que é mostrado na publicidade, ou ainda nas sinalizações dos percursos a trilhar, dos trechos da cidade a se evitar, além de uma série de dados paralelos sobrepostos aos muros, às fachadas e às superfícies das próprias mídias urbanas. Por outro lado, as ruas largas e movimentadas das metrópoles podem surgir como sérios obstáculos a serem superados – a visualização dos carros em alta velocidade, em movimento intenso e contínuo, e a perspectiva de ter de atravessá-las dota as ruas de uma aspectualidade do espaço-tempo que sobrevém, como variante do enunciado de advir – “que vence num só ‘lance’ todas as resistências potenciais”. (ZILBERBERG & FONTANILLE, 2001:160).

Reiteramos que não tratamos tais eventos como linearidades históricas, mas sintáticas; a presença de uma experiência não anula a outra, apenas movimenta a vida urbana em ritmos cíclicos de aceleração e desaceleração, em movimentos de uma espacialidade circular, estática e cinética ao mesmo tempo. Assim, as caracterizações semânticas expostas inicialmente na abordagem do campo lexical da rua movimentam-se em sintaxes cada vez mais potencializadas para a desestabilização do conceito do espaço geométrico e delineado. Como já nos advertia Benveniste, a propósito de seus estudos enunciativos, espaço e tempo estão organicamente unidos pelo discurso. Na esteira desse autor, José Luiz Fiorin afirma que “o espaço, assim como o tempo, tem um centro gerador e axial no espaço da enunciação /.../ O ‘aqui’ é o fundamento das oposições espaciais da língua.” (2002:263), e ressalta que, para Benveniste, “o espaço do discurso não remete nem a posições nem a movimentos numa dimensão determinada nem se fecha numa subjetividade solipsista, mas funciona como fator de intersubjetividade”. (FIORIN, 2002: 263)<sup>3</sup>

A circularidade do espaço, não exclusiva obviamente da conjuntura atual, é que se materializa aqui potencializada pela intervenção das mídias agenciando camadas informativas<sup>4</sup> à tessitura da comunicação da cidade-texto. Essa sobreposição não deve ser ainda confundida com aquela do espaço aumentado, que se afigura mais propício à terceira forma de experiência da espacialidade.

Da experiência vivida com espaços partilhados e circulares, chegamos ao espaço diluído. Ou seja, na dinâmica instaurada pela sensação de estar entre ou no meio do fluxo e em fluxo, que acarreta formalizações cada vez menos delineadas do espaço da rua enquanto *locus* diferenciado para situá-lo como o espaço da ambivalência, a sua diluição é tornada sensível em acontecimentos contemporâneos.

Antes, porém, os modernos recursos de geolocalização cada vez mais atuantes na cotidianidade nos levam a tecer alguns comentários sobre maneiras contemporâneas de apreender nossas referências de experimentar certa pertença a um pedaço da totalidade do mundo, que pretensamente nos dão certos dispositivos.

### O ESPAÇO DO ALTO - O OLHAR ASTRONÔMICO

Ao incorporar componentes do ciberespaço, a rua adquire outra ambivalência importante: dilata-se com tomadas de sobreposição

<sup>3</sup> Fiorin remete a texto da edição francesa do volume 2 de Benveniste, Emile (1974). *Problèmes de linguistique générale*. Paris, Gallimard, v. 2, p. 77.

<sup>4</sup> A ideia de camadas de informação é explorada por Lev Manovich para referir-se ao espaço aumentado graças à ação dos dispositivos digitais no mundo contemporâneo (MANOVICH, 2012). Seu foco concentra-se no papel da arquitetura (edificações e ambientes) como o lugar de evidência desse processo no mundo contemporâneo, mas nem ela nem a lógica digital constituem o epicentro desse fenômeno, como o autor demonstra por meio de vários exemplos da arte e do *design*.

informativa de dados, graças ao uso dos dispositivos de geolocalização materializados em vídeos, fotografias, mapas, infográficos, ao mesmo passo que se oferece em pequenos detalhes, pelos mesmos recursos operando em tomadas *zoom*. O esquema é o do plano panorâmico, desdobrado em capturas de alargamento do campo de visão e distanciamento do objeto, ou de foco recortado num aspecto que tem, então, seus traços avolumados.

Os efeitos de sentido diferem: na abordagem astronômica, o sentido de ausência de distância heideggeriano afirma com bastante concretude a tensão entre não estar distante e nem necessariamente próximo, colocando o sujeito que examina como um observador efetivo; na apreensão focada, a sensação do *voyeur* emerge, e o efeito de presença condiciona o observador um pouco mais ao lado do pólo da proximidade (ainda que distante), dando-lhe a impressão de um domínio do ambiente a partir do olhar, sobretudo porque tais sistemas de geolocalização podem ser usados como formas de monitoramento e vigilância, além de exporem aspectos da vida privada nem sempre esperados, como aconteceu em múltiplas ocorrências com o *Google Street View*.

Ao observador que olha sua própria rua (desde fora ou estando nela), configurada pelo entorno que a define como vimos mostrando, desponta um sentimento estranho e agradável, o de integração à totalidade da cidade, ou do mundo. É exemplar a esse respeito a descrição de Derrick de Kerckhove sobre sua sensação diante da primeira fotografia da lua a partir da terra, vista no *Paris-Match*:

Seguramente, o mais importante efeito da fotografia da Terra é expandir a percepção que temos do nosso eu para além da imagem do corpo e alargar o nosso sentido de identidade. Na verdade, desde o primeiro momento em que vemos essa fotografia, tomamos posse da Terra e de um novo poder para nela investir. É uma extensão dos meus olhos. Tudo o que nela está contido é “meu”, tanto quanto eu sou “dela”. Sou eu. Com esta fotografia, recebo provas seguras de que sou ao mesmo tempo terrivelmente grande e terrivelmente pequeno. /.../ Graças a esta fotografia, eu sou a Terra, eu e todo o mundo. (KERCKHOVE, 2009: 234-235)

Essa integração cósmica do homem com o mundo soa como uma materialização da relação de percepto e afeto desenvolvida por Deleuze e Guattari (1993: 164-201), porque o coloca num círculo de extrapolação da experiência pessoal para aninhá-lo no conjunto ampliado do universo, percebido simultaneamente por meio de operações cognitivas e intercorpóreas, da ordem do sensível. Talvez por isso, segundo o pesquisador português Bragança de Miranda (2008), Calvino tenha buscado para toda a sua ficção uma saída para a crise moderna que se reflete no encontro astronômico do homem com o mundo:

Dada a impossibilidade de um simulacro que altere o aspecto do mundo, a estratégia de Calvino passa por uma mudança de registro óptico. A onnipresente inclinação pela cosmogonia é um sintoma de um olhar panorâmico /.../ (p. 45) De facto, Palomar é o nome de um conhecido observatório astronômico e em italiano significa

mergulho (“palombar”), indicando uma perspectiva em plongée, de cima para baixo, mas também uma precipitação na Terra, ou pelo menos, uma atenção à Terra. /.../ (p. 45-46)

Calvino pretende fazer uma cosmogonia poética. Tudo indica que se trata de percorrer em todos os sentidos esta distância excessiva entre o olhar astronômico e a opacidade da terra. (p. 46)

Mesmo fora de qualquer esfera poética da apreensão do alto, não resta dúvida de que importantes implicações cognitivas e sensíveis procedem das perspectivas outorgadas pelas formas técnicas, seja a fotografia da Terra, seja a filmagem satélite de espaços específicos de partes do mundo, sobretudo pelos aplicativos como *Google Maps* e *Google Street View*. Assim como em exemplos anteriores, a ordem dentro e fora, exterior e interior, está subvertida pela neutralização de traços pertinentes a cada uma dessas condições do sentir.

No entanto, se desse ponto de vista, a relação entre homem-mundo, na presente ocorrência representada metonimicamente pela rua, como *ruga* – conduto –, aparece modificada, de outro, recupera a lógica geometrizar dos espaços habitados idealizados e construídos pelos seres humanos. Mais ainda, impõe o resgate do olhar estruturado que percorre por retas, paralelas, perpendiculares, círculos; instiga o sentido de geolocalização, de identidade emanada a partir da fixação de um ponto no espaço global. As *rugas* no espaço de uma totalidade esquadrinham, em suma, um modo de viver necessariamente estruturado, de locais pré-determinados e segundo uma lógica de divisões reais e imaginárias.

Com tal sentimento de limitação é que retomamos nossa trajetória buscando outras rupturas, talvez mais radicais, introduzindo o conceito do espaço diluído e profanado.

### O ESPAÇO DO ALTO - O OLHAR ASTRONÔMICO

São múltiplas as ocorrências em que a ambivalência espacial se manifesta pelo hibridismo de materialidades físicas e digitais, seja nas artes, no design, na arquitetura líquida, nos ambientes, na publicidade e marketing experiencial, nos games baseados na tecnologia wii e kinect, no cinema 3D, na medicina e, sobretudo, na ciência em geral, com fins civis e militares. Na maior parte dos casos, como deixa claro Manovich no texto *The poetics of augmented space* (2012), essas interfaces tecnológicas não formalizam novidades de conteúdo ou de interações comunicacionais. Trata-se antes de mera sobreposição de camadas com fins ornamentais, atrativos para o consumo ou para a atenção. Há, no entanto, experiências voltadas a explorar aquilo que seria da especificidade da tecnologia digital, a de criar novas camadas de informação explorando as potencialidades de redução das distâncias, de interatividade, de criação de estruturas organicamente articuladas com outros componentes do espaço físico. A essas criações o autor atribui o processo do espaço aumentado, que não diz respeito a estar entre, diante ou nas mídias, mas à própria constituinte da experiência da espacialidade pela intervenção dos dispositivos digitais. A expressividade do exemplo da arquitetura dado por Manovich, para explicar a organicidade entre a estrutura digital e a física na produção de

camadas de informação que estão na base do espaço aumentado, extrapola o epicentro da arquitetura para outros campos de atuação. O jornalista multimídia exigido hoje pelas empresas de jornalismo converte-se, por exemplo, no arquiteto da informação (Rosenfeld & Morville, 2002), concebido como o profissional hábil para o domínio de todas as etapas, formas, formatos e plataformas do sistema informativo, capaz de tratá-las obviamente em suas relações motivadas e em suas especificidades. A relação motivada, termo originário dos estudos da linguagem verbal, preconiza uma articulação estreita entre os planos da expressão e do conteúdo dos discursos, ou entre o nível fônico e semântico dos signos, de modo que os primeiros não são simples formas de expressão de algo, mas contêm a essência do sentido em sua própria materialidade. É essa a idéia de Manovich ao postular uma arquitetura, como espécie de matriz da cultura digital, em que a edificação da estrutura se realize por unidades digitais e materiais. Não se trata, portanto, de pensar o recurso eletrônico como software de programação, desenho ou planejamento, nem como sobreposição de efeitos plurissensoriais sobre fachadas ou superfícies, mas a base mesma de constituição de seus ambientes, ângulos e dutos, em constante interação com as formas de presença dos sujeitos nesses espaços.

Para os propósitos deste artigo, no entanto, que vem expondo por meio de alguns poucos exemplos a ambivalência de nossas sensações espaciais com neutralizações de oposições cristalizadas e o consequente aparecimento de sincretismos tópicos/topológicos, interessa trazer à cena um evento em que a diluição do espaço, e o seu caráter cambiante, revelam atuação evidente sobre os ritmos temporais e a ação dos atores sociodiscursivos. Referimo-nos aos movimentos sociais de tomada das ruas, assistidos direta ou indiretamente pelo uso de dispositivos móveis e de *internet* instalados em partes do seu espaço ou mobilizados pelos sujeitos que nela transitam. Os acontecimentos recentes de passeatas e protestos ocorridos no Brasil em junho 2013 são elucidativos de nosso raciocínio.

Para desenvolvê-lo, no entanto, recorreremos antes a um conceito desenvolvido por Martin Heidegger e retomado por Mário Costa (2003), cujo viés servirá a nossa análise. Tratando da questão da técnica e de suas injunções espaço-temporais, Costa reproduz do pensamento heideggeriano a idéia de que vivemos, no contexto das telecomunicações, sob efeito de uma sensação de ausência de distâncias. Reduzir a distância, no entanto, assevera Heidegger, não implica proximidade, assim como não configura distanciamento. É essa condição complexa, de uma deslocalização ubíqua, ao mesmo tempo aqui e ali e em lugar nenhum, que intriga Heidegger e que possibilita a Costa articulá-la a outro pensamento daquele autor, o de ocultamente e desvelamento do Ser, para melhor compreender a ligação entre dois textos heideggerianos, em princípio não desenvolvidos por ele próprio: o da técnica e dos modos como o espaço e o tempo se inscrevem nas coisas, inclusive nas coisas tecnológicas, e o da essência do ser que se mostra e se esconde. Nessa conjugação criativa dos dois raciocínios, Costa nos permite compreender as alternâncias entre próximo e distante, tempo lento e acelerado, como fenômenos apropriados pelas máquinas e que ditam os ritmos dos indivíduos na relação cotidiana que mantém com os dispositivos tecnológicos (entre outros). Em suma, ele estabelece um vínculo entre a concepção do Ser, oculto e desvelado, e a percepção

da autonomização da técnica, e, por conseguinte, de seu efeito modulador sobre a constituição dos sujeitos. Longe de determinismo tecnológico, tal perspectiva anuncia antes uma correspondência entre a explicação do espaço-tempo nas coisas como a formalização da essência do Ser em Heidegger, raciocínio que este não desenvolveu, mas antecipou pelo interesse manifestado com a questão da técnica.

A atividade estética da rede não traz em si a novidade do fenômeno da interatividade, e sim a sua abstração do lugar, da situação e do homem, como “um órgão tecnológico planetário/autossuficiente e autônomo que, a fim de funcionar, tem necessidade de fazer crer que por meio de sua mediação, é possível interagir mais do que nunca.”<sup>5</sup> (COSTA, 2003: 91) Por isso, Costa convida-nos a refletir sobre o que se produz quando essa rede de comunicação “cessa de ser uma pura formação do espírito interpessoal e se torna um órgão tecnológico universalmente presente e operante”? (p. 94)<sup>6</sup>

Os movimentos coletivos de junho de 2013<sup>7</sup> ocorridos em vários pontos do Brasil, motivados pelo protesto do passe livre, e acompanhados, em seguida, de reivindicações de múltiplas ordens, grupos e modalidades de enunciação, evidenciam algo desse fenômeno porque foram orientados e ritmados não apenas por fatores e discursos locais, mas tiveram boa parte de sua direção regida por comandos e sinalizações externas, a partir de tecnologias midiáticas. O papel maior foi dado pelos dispositivos móveis, em especial os telefones celulares, mas teve-se um discurso uníssono, mesmo que de muitas vozes, replicado, completado, analisado e orientado tanto pelas mídias colaborativas quanto pelas massivas, do *mainstream*. Surgiram, desse conjunto de circunstâncias, mobilizações à deriva, condicionadas ao conhecimento do que se via e sabia não presencialmente, mas pela notificação emanada de outros espaços de discurso. A inserção de atividades de grupos que incitavam destruição e violência, levou pessoas a participarem de longe das ocorrências, pelas redes, auxiliando na adoção de certos procedimentos – como agachamento dos não-encapuzados para garantia de identificação dos diferentes atores – e tais recomendações foram replicadas na televisão, por exemplo, a partir do âncora do “Jornal Nacional”, William Bonner, da Rede Globo de Televisão. Paralelamente, esse movimento à deriva encontrou correlatos em decisões apressadas, surgidas no calor da hora, da parte do governo brasileiro, como foi a proposta da presidente Dilma Rousseff de realização de um plebiscito nacional para eleger as prioridades político-sociais no quadro das distintas pautas de insatisfação.

A rua aparece aqui como lugar de múltiplas presenças, sincretizando o papel da calçada, da praça, do espaço permanentemente público e aberto. Sinalizando o espaço do palco, da rua<sup>8</sup> tomada como espaço de profanação, no sentido de restituição de sua superfície ao uso comum da publicização dos interesses populares. Um componente fundamental dos dispositivos utilizados nessa manifestação é o do efeito da ausência de distância referida por Heidegger e retomada aqui pela leitura de Costa. Embora os sujeitos norteiem suas atitudes em atos presenciais, a visão do todo e o redimensionamento das operações vão surgindo no curso dos eventos, com base em dados apreendidos desde outros pontos. Expõe-se nessa ocorrência o espaço dilatado da rua, que condensa uma dupla implicação patêmica: a

<sup>5</sup> “un organe technologique planétaire autosuffisant et autonome qui, afin de fonctionner, a besoin de faire croire qu’à travers sa médiation, il nous est possible d’interagir plus que jamais.”

<sup>6</sup> “cesse d’être une pure formation de l’esprit interpersonnel et devient un organe technologique universellement présent et opérant.”

<sup>7</sup> Como já explicitado no início deste artigo, os movimentos sociais reportados entram aqui a título de exemplificação dos processos de usos, reusos e profanações dos sentidos rotineiros da rua, mas não constituem por si mesmos nosso foco de análise. A despeito da relevância que um aprofundamento dos valores simbólicos, sociológicos, antropológicos e mesmo fenomênicos desses movimentos teria para a análise, ultrapassaria os objetivos do presente raciocínio de abordar as dilatações espaciais que converteram ruas, calçadas e praças em topicalidades sincretizadas e temporalmente tensionadas.

<sup>8</sup> Em seu estudo do espaço nas manifestações sociais no Egito, em especial na Praça Tahir, Fernando Resende fala da rua como espaço de partilha e operador teórico para a compreensão de práticas

absenteização do sujeito em relação à rua, a qual se oculta enquanto *locus* de ancoragem subjetiva; a presentificação do sujeito derivada da sensação de estar junto a outros, a uma massa ou multidão, com a qual se vincula em interações de contágio cognitivo-afetivo. Nesse caso, a rua sincretiza a oposição dentro-fora, lugar de fluxo de veículos e calçada como fluxo de pedestres, privado-público, intimidade/estranhamento, podendo se afigurar, por isso, como espaço profanado, conforme definição dada acima.

Em outra perspectiva, menos articulada ao ativismo político, mas nem por isso despolitizada, Antoine Picon (1998), concebe uma constitutividade espacial nas cidades análoga àquela que se processa no espaço virtual, especialmente verificável no domínio dos *videogames*. Quer dizer, com tal analogia, que o processo de movimentação nas grandes cidades obedece à mesma lógica de percurso efetivado nos *games*, ou seja, aprende-se a conhecê-lo, a divisar e descobrir entradas e saídas, no próprio curso das operações realizadas para jogar. São, portanto, gestionadas em ato, não como um processo concluído, mas em permanente construção. Decorre desse raciocínio que a estrutura espacial construída no âmbito de uma dada cultura é dinâmica, não se presta a traçados geométricos fixos, claros e definitivos, e que ampliada graças aos dispositivos digitais tende a ser continuamente reconstruída, porque neles, na técnica enfim, o espaço-tempo se inscreve em formas cambiantes.

Talvez nesse sentido possamos conceber o esquema proposto por Manovich de uma cultura do *software*, em perspectiva bem mais geral do que aquela de seu uso pelo computador. Os aplicativos de navegabilidade e produção na web constituem uma realização possibilitada por certo tipo de conhecimento técnico, mas reafirmam algo que é do caráter do processo cognitivo-estético efetivado pelo homem nas suas experiências com o mundo – tais produtos, como criações humanas, estão destinados a serem superados na medida mesmo em que se atualizam, assim como na tradicional linguagem verbal cada fala implica novos sentidos. O espaço como *hic* é “reinventado cada vez que alguém toma a palavra, porque, em cada ato enunciativo, temos um espaço novo, ainda não habitado por ninguém.” (FIORIN: 2002, 263)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As categorias formuladas ao longo do presente texto não visam a dar um sentido de exaustividade lógica às potencialidades de nossa relação com o espaço, especificamente os possíveis espaços do que designamos e entendemos por rua, com base no cruzamento dos vários campos semânticos a que esta se integra. Em outros termos, não há condições de formalizar os conceitos de “espaço partilhado – rua e casa”, “espaço circular – o sujeito em fluxo no fluxo”, espaço do alto – integração cósmica” e “espaço diluído, espaço profanado”, num quadrado semiótico que permita visualizar um sistema de relações articuláveis a diferentes tipos de discursos ou práticas examinadas.

Obviamente, algumas oposições ficam evidentes como o estado de fixidez ou fluxo, a superfície dividida ou compartilhada, as tangencialidades ou as circularidades, os modos de imersão, linear ou em *plongée*, e a

políticas. É no seu texto que estão sintetizadas as idéias do estudioso egípcio, Asef Bayat, para quem o espaço da praça nas manifestações árabes configura uma “espacialidade dos descontentes”, aludindo ao fato de que tais lugares emergem “como espaços particulares que “formatam, estimulam e acomodam sentimentos e solidariedades insurgentes”. (Apud RESENDE, 2010: 162)

desfuncionalização ou reagenciamento dos modos de estar e viver a rua. Nossa intenção é justamente essa, de mostrar a dificuldade em determinar a priori e a posteriori o tipo de relação que travamos com nossos percursos, porque cada vez mais eles nos colocam diante de impasses, forças de atração, buscas irrecusáveis, trajetos forçados.

Assim como acontece com a vida em geral, nossa experiência com a rua, na rua, diante da rua, mediante os vários signos e dispositivos que a permeiam, revela-se uma aventura interminável, um olhar e uma caminhada à deriva.

#### REFERÊNCIAS

BABIN, P.; McLUHAN, Marshall. Era Eletrônica. Um novo homem. Um cristão diferente. Lisboa: Multinova, 1978.

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

AMARAL, Aracy; FERNANDES Jr, Rubens Fernandes (Orgs.). São Paulo Imagens de 1998. São Paulo: Marca D'Água, 1998.

BENVENISTE, Emile. Problemas de linguística geral. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Editora da Universidade de São Paulo, v. 1, 1976.

CAETANO, Kati. O espaço dilatado das discursivizações na cultura digital, entre disputas e contágios. In: TEIXEIRA, Lucia; CARMO Jr., José Roberto (Orgs.). Linguagens na Cibercultura. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013, 1-16.

COSTA, Mario. Internet et globalisation esthétique: l'avenir de l'art et de la philosophie à l'époques reseaux. Paris: l'Harmattan, 2003.

DELEUZE, Giles; GUATTARI, Félix (1993). Qué es la filosofía? Barcelona: Editorial Anagrama, 1993.

FIORIN, José Luiz. As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: editora Ática, 2002.

FISCHER, Sandra. Cotidianos no cinema brasileiro contemporâneo: imagens da família, da casa e da rua. Porto Alegre: editoraplus.org, 2009.

HEIDEGGER, Martin. La question de la technique. Em: Essais et conférences. Paris: Gallimard, 1958.

KERCKHOVE, Derrick de. A pele da cultura: investigando a nova realidade eletrônica. São Paulo: AnnaBlume, 2009.

MANOVICH, Lev (2012). The poetics of augmented space. Disponível em: <http://vcj.sagepub.com/content/5/2/219.abstract>.

MIRANDA, J. A. Bragança de. Corpo e imagem. Lisboa: Nova Vega, 2008.

MORELL, Abelardo. Camera obscura. New York: Time Warner Book Group, 2004.

PICON, Antoine. La ville territoire des cyborgs. Besançon/France: Les Éditions de L'Imprimeur, 1998.

QUÉRÉ, Louis. O caráter impessoal da experiência. In : LEAL, B.S., GUIMARÃES, C., MENDONÇA, Carlos. (Orgs.). Entre o sensível e o comunicacional. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, 19 - 38.

PEIXOTO, Nelson Brissac; FARIAS, Agnaldo (Eds.). ARTE/CIDADE. Cidade sem janelas. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo/Editora Marca D'Água, 1994.

RESENDE, Fernando. '(Est)ética da praça: rua, mídia e partilha'. Intexto, UFRGS, Porto Alegre, RS, n. 28, 2013, julho, 1-31.

ROSENFELD, L.; MORVILLE, P. Information architecture for the World Wide Web. Sebastopol: O'Reilly, 2002.

ZILBERBERG, Claude; FONTANILLE, Jacques. Tensão e significação. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas/FFLCH/USP, 2001.